

Unimed

BRDE
CRÉDITO
PARA INOVAR
E DESENVOLVER.

JULIANO ARNOLD/DIVULGAÇÃO



Desfile temático é atração confirmada todos os anos na programação da festa

Ein Prosit! De Munique para a festa de Igrejinha

A Oktoberfest, que chega à 35ª edição, criou identidade própria: o voluntariado

Criada em 17 de outubro de 1810 para comemorar o casamento do príncipe herdeiro Ludwig com a princesa Therese von Sachsen-Hildburghausen, a Oktoberfest de Munique ganhou características próprias da imigração no Brasil.

Ao contrário das festas de Kerb, que já eram comemoradas pelos primeiros imigrantes, a Oktoberfest passou a ser organizada no País a partir de 1978, em Itapiranga (SC).

Depois, em 1984, nasceu a Oktoberfest de Blumenau (SC) e de Santa Cruz do Sul (RS). Em 1989 surgiu a Oktoberfest de Igrejinha; em 1991, de Maratá, e em 1999, a Oktoberfest de Santa Rosa.

No Vale do Paranhana, a festa típica ganhou uma característica única, que enche de orgulho os moradores da cidade. A Oktoberfest de Igrejinha tem como marca o voluntariado, tanto que o município ganhou o título de Capital Estadual do Voluntariado.

Além disso, a festa foi reconhecida como Patrimônio Cultural do Estado.

Voluntariado

Por trás desta mobilização está a Associação de Amigos da Oktoberfest de



Cartaz de 1988

Igrejinha (Amifest), criada em 1994, que conta com 3 mil voluntários.

“O envolvimento comunitário, característica marcante da vida dos primeiros imigrantes e presente até os dias atuais, é uma das justificativas para a Oktoberfest de Igrejinha ser considerada uma das maiores festas comunitárias do Brasil”, pontua o voluntário e mestre em Processos e Manifestações Culturais, Douglas Márcio Kaiser.

Ele chama atenção que o serviço voluntário ultrapassa o período de realização da festa e entra em ação sempre que é solicitado.

Outra característica é que o lucro da festividade



Cartaz de 2023

é revertido em prol da comunidade.

Em 2023, as 145 mil pessoas que passaram pelo Parque de Eventos Almiro Grings consumiram 215 mil litros de chope e a Oktoberfest teve o resultado total de R\$ 4,8 milhões. Os recursos foram destinados para 95 entidades, incluindo o hospital, segurança pública e as vítimas das enchentes de Igrejinha e do Vale do Taquari, entre outros.

Kaiser ainda chama atenção para a formação de memórias afetivas da Oktoberfest e o aspecto de inclusão, já que há parceria com a Apae e realização do Besonderertag, evento voltado para os alunos da Apae.



Músicas brasileiras em alemão

Bisneto do imigrante Johan Adam Harff, que veio da Prússia oriental, o músico Mauro Harff, 73 anos, é natural de Sapi-ranga.

Ele ficou conhecido em todo o Brasil e também na Alemanha por cantar músicas conhecidas do repertório brasileiro em alemão. Aqui pelo Estado, chamou atenção quando gravou o Canto Alegretense na língua de seus antepassados.

Foi em 1989, quando tocou em Berlim uma música brasileira traduzida para o alemão que teve início o seu trabalho que é único no Rio Grande do Sul.

Com o apoio de professores de alemão, passou a fazer as traduções e a aumentar o repertório.

O resultado é que Harff já foi 17 vezes a Alemanha apresentando seu trabalho e tem um novo espetáculo marcado para setembro deste ano.

Além disso, o músico faz um trabalho para manter viva a tradição do canto na língua dos imigrantes, em parceria com a instrumentista Mirian Sipert Gersos. É o Sing Mit.

Este é um projeto da prefeitura de Morro Reuter onde os moradores se encontram para cantar uma vez por mês.

São 30 músicas que integram o repertório.

Dentre elas, *Chalana e Céu, sol, sul*, ambas em alemão, e *Die Marie und die Greet e Ob! Isabela*, canções conhecidas entre as famílias imigrantes.

Harff recebeu três prêmios Vítor Mateus Teixeira na categoria de artista teuto-germânico.



Harff em Morro Reuter

DIVULGAÇÃO



Abertura do Festival do Chopp de Feliz é feita pelo GDFA

Grupo de Dança foi criado para o Festival do Chopp

Não há como falar do Festival Nacional do Chopp de Feliz sem lembrar do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs de Feliz (GDFA).

Foi na década de 1960 que Victor Ruschel, proprietário da Cervejaria Polka (que deu origem à Serramalte e Antarctica), visitou a Alemanha e conheceu a Oktoberfest de Munique.

Ele voltou decidido a criar um festival da cerveja na cidade de Feliz nos moldes da festa da Baviera. Mas para isso, Ruschel incentivou a criação de um grupo de danças alemãs.

Assim, em 1967, surgiu o GDFA, que tinha como principal objetivo, fazer a abertura do festival.

A tradição já se repete há 55 anos e é esperada pelo público e pelos dançarinos.

De Feliz para Munique

Segundo o presidente do grupo de danças, Pedro Henrique Matté, em 2014 e em 2023 os dançarinos de Feliz se apresentaram na Oktoberfest de Munique.

Inclusive, no ano passado, eles fizeram uma visita ao primeiro coreógrafo do

grupo, o alemão Elmar Goetz, de 97 anos. Goetz, além de ensaiar o GDFA, também ensaiou o Grupo de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela, fundado em 1964.

Embora seja o mais antigo do Brasil, o grupo de Estrela teve as atividades interrompidas por um período.

“Fizemos uma apresentação para ele em forma de agradecimento em nome de todos os grupos de dança que surgiram”, conta Matté.

Já o Festival do Chopp, que tem como casa a Associação Cultural Esportiva Feliz (Socef), também é o local de ensaio do GDFA.

A partir de 1971, o evento passou a chamar-se Festival da Cerveja e, em 1982, de Festival do Chopp, agregando em 1996 a palavra “nacional”, numa referência ao público que vinha de vários Estados do Brasil.

O diferencial desta festa é que o público, ao adquirir o ingresso, pode beber à vontade. Em 55 anos de evento, já foram consumidos 2,5 milhões de litros de chope. O festival também conta com uma rainha e duas princesas.

DIVULGAÇÃO



Visita ao primeiro coreógrafo do grupo, Elmar Goetz